

CEDI - P. I. B.
DATA 23/02/94
COD: 120 000 07

Versão provisória, para
circulação restrita, su
jeita a modificações.
Pede-se não citar ou re
produzir sem autoriza -
ção explícita do Autor
ou do Peti.

Título: Terra do Aldeamento: A Almofala
dos índios tremembês - apresen-
tação e testemunhos.

APRESENTAÇÃO

O texto aqui introduzido e a série de testemunhos coletados fazem parte de um conjunto de materiais de pesquisa, em aspecto bruto e em elaboração, que estamos manejando e desenvolvendo sistematicamente. As entrevistas foram realizadas no período de "survey" e levantamento de dados básicos que os pesquisadores CARLOS GUILHERME OCTAVIANO DO VALLE e HENYO TRINDADE BARETTO FILHO efetivaram no período de 26 de dezembro a 9 de fevereiro de 1987, em conjunto ou separadamente, entre os grupos étnicos TAPEBA e TREMEMBÉ no estado do Ceará.

Essa atividade de pesquisa foi realizada por nós de acordo com nossa inserção no "PETI - projeto estudo sobre terras indígenas no Brasil: invasões, uso do solo e recursos naturais", do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / UFRJ, que nos contribuiu por meio de auxílio financeiro à pesquisa, em convênio com a FINEP. O projeto tem o seguinte título: "Fronteiras étnicas, território e tradição cultural: estudo comparativo de grupos indígenas na região do Projeto Calha Norte e no Nordeste", cuja coordenação está à cargo do Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira Filho.

À parte, o extenso material bruto coligido em campo, resolvemos priorizar os depoimentos recolhidos na área indígena tremembé tendo enfoque a história da santa, ou da terra da santa, ou ainda da terra do aldeamento de Almofala. Trata-se de uma versão preliminar que não se interrompe aqui. Muito pelo contrário, pretende-se aprofundar suas questões tendo em vista a complexidade múltipla da situação Tremembé e especificamente de tais testemunhos, cujo vigor mostrado pelos informantes foi por nós defrontado.

Assim, pretendemos continuar investigando a singularidade da situação vivida pelas comunidades Tremembés, tendo em conta os fatores ponderáveis e imponderáveis de realização de qualquer pesquisa no Brasil.

Devemos agradecer à ajuda e amizade que Maria Amélia Leite e Marcos Guilherme Vieira da Silva nos deram para entrarmos em contato com a realidade do Almofala e a situação dos índios tremembés e trabalhadores rurais daquela região. Ainda agradecemos à orientação de João Pacheco de Oliveira Filho e Antônio Carlos de Souza Lima frente às questões de ordem teórica, metodológica e inúmeras vezes, pragmática. Também, a equipe do PETI não pode deixar de ser referida, principalmente no que tange à pessoa de Jurandyr Carvalho Leite, que discutiu bastante conosco a respeito da ficha-questionário de levantamento de dados básicos. Sem dúvida, as comunidades Tremembés, os índios e/ou trabalhadores rurais e de pesca da Grande Almofala foram de extrema receptividade e acolhida conosco, o que representa mesmo uma dívida que temos com eles. Os testemunhos, mesmo se decupados pela linguagem e saber antropológico, são parte de um retorno de saber, no sentido plural do termo, que precisamos realizar como profissionais. No mais, os depoimentos são em si mesmos campos potenciais de interesse e prazer de qualquer leitura que se faça.

3.

Aqui estão apresentados dez depoimentos diferentes que arrolam sobre a história dos índios tremembés e de Almofala. Dois deles não são recentes: o de Chica "da Lagoa Sêca" (1976), coletado por J.S. Novo, e o de João Gonçalves de Nascimento (1975), registrado pela equipe de pesquisadores do projeto SESI-CDFB / FUNARTE. No momento do registro, os dois eram considerados representantes vivos de um tempo já passado da microregião de Almofala, do aldeamento dos índios tremembés. E por isso, capazes de reproduzirem fielmente fatos e histórias locais, ou darem conta de uma situação mais original da região e dos seus moradores. Esse bias estava subentendido na perspectiva dos pesquisadores e é possível compreendê-lo tendo em mãos os seus textos ou relatórios (no caso do projeto SESI-CDFB/FUNARTE).

Assim, marcava-se uma distinção proposital entre tempo passado e o presente, cujo interesse somente cabia, com melancolia, pela percepção da desintegração de uma comunidade indígena⁽¹⁾ e de sua cultura. Essa fascinação pelo registro de um passado vivo, material, corpóreo - pelos testemunhos dos dois tremembés, dos índios "véios" - estava parí passu com a desolação frente à atualidade e o que "há de vir". Essa atitude simplesmente concebe a derrota dos projetos coletivos e individuais que possam ativar a própria atribuição étnica dos tremembés⁽²⁾. O que fazem é, senão, um posicionamento fatalista diante das experiências das comunidades tremembés. Com a virtual morte dos dois representantes de um tempo digno e de orgulho dos índios também desaparecia toda uma tradição cultural, social e material que eles conheciam. De fato, perdia-se a experiência individual de duas pessoas e todo um saber pessoal à respeito de sua comunidade.

No entanto, o que esses autores não percebiam era que a persistência de padrões culturais depende dos interesses coletivos da própria comunidade.

Assim, tomando em conta os outros oito testemunhos coletados por nós (janeiro e fevereiro de 1988), temos a perfeita compreensão da persistência de uma tradição oral riquíssima que se manifesta distribuída pelas diferentes localidades que formam a Grande Almofala³, a terra do Aldeamento dos índios tremembês. Dessa tradição verbalizada⁴ preferimos nos envolver com o que os tremembês chamam de história da santa, da terra da santa, da terra do aldeamento. Mas com uma posição característica frente a esses discursos: tomamos os como estratégias, efeitos⁽⁵⁾, ou seja, a tradição oral apresenta a sua própria funcionalidade e ela deve ser entendida como sendo "práticas" a respeito de situações presentes, atuais, mesmo se discutem ou ressaltam um tempo passado, saber histórico ou narrativas simbólicas. Talvez seja razoável concebê-los como efeitos de resistência cujo sentido está na própria persistência que tem, dando prova de força das comunidades tremembês. Mas, vejamos ponto por ponto.

As narrativas da santa ou da terra da santa, podem ser entendidas como exemplos de tradição oral⁶, já que são testemunhos verbalizados, a respeito do passado, que são transmitidos numa comunidade. São textos livres, pois dependem do testemunho individual - ao contrário do torém que já têm uma forma fixa - e assim mostram uma riqueza fantástica, em decorrência da singularidade de cada discurso, aos efeitos de retórica e sedução utilizados por cada informante, ou seja, dependem dos investimentos pessoais sobre a narrativa. Os informantes formam uma "corrente de transmissão" que age no seio das comunidades, para quem é de dentro e quem é de fora, marcando posições características de propriedade discursiva, de uma sensibilidade diferencial e de interesse político calculado. Como já foi dito, as narrativas são efeitos de resistência e elas são compartilhadas e difundidas por uma corrente de transmissores, informantes, que dão persistência aos discursos apropriados, e especialmente dão contornos nítidos à atribuição étnica.

Simplesmente todos os depoimentos falam dessa corrente de transmissão. Por exemplo: "Foi o meu pai e os meus avós lá existia também contava" (...) - João Gonçalves; "Do meu tempo pra cá. E o meu padrinho dizia... Vou contá logo da primeira vez qui o meu pai mi contava..." - Estevão Henrique; ou "...A mamãe contava qui nessa época os índio qui vivia aqui dentro de Almofala..." - Zeza.

São transmitidos pelo parentesco ou pela afinidade entre as pessoas que vivem nas comunidades tremembés. Nesse caso, contribuem para justificar a filiação étnica e são também investimentos de ordem étnica. Portanto, prefere-se abordar os testemunhos à partir do que podemos chamar de economia política da narrativa ou das formações discursivas. Antes de se fazer uma etnohistória, nos moldes daquela feita entre as sociedades africanas⁽⁷⁾, que anseia por uma pesquisa da memória sobre o passado social, do enfoque mnemônico da tradição oral, prefere-se investigar as funções pelas quais as narrativas são utilizadas, no sentido da história oral aplicada por Paul Thompson⁽⁸⁾. Confirma-se as estratégias aplicadas pelo grupo étnico⁽⁹⁾ que são investimentos atuais de persistência étnica, ao invés da perspectiva da desolação pela dissolução cultural, ou pela aculturação indígena, na qual os pesquisadores já citados sempre incorrem quando veem os tremembés.

Quer-se escapar de tal atitude epistemológica, assim como se quer valer os testemunhos como "memória dos combates"⁽¹⁰⁾. Novamente, sem o enfoque mnemônico por excelência! Mas a memória que expressasse ações sociais⁽¹¹⁾ investidoras de sua própria força, enquanto narrativa étnica de efeito político. E além, fazer valer isso, sugere um exercício de pensamento que não esvazie a própria potência dessas narrativas. Não se deseja identificar, definir e classificar o que quer que seja a identidade tremembé. Melhor seria deixar os próprios falarem de si mesmos. No limite quase da deixa: "deixemos isso de lado e passemos aos testemunhos". A crítica lançada aos antigos "pesquisadores dos tremembés" está no fazer "pesquisa de conclusão", resolvendo-se ao chegar a determinada síntese da situação dos tremembés.

Esse esforço deve ser deixado aos melhores interessados: os próprios índios. Aqui, o esforço de pensamento está em perceber as práticas que fazem os tremembés se acharem como tais, compartilhando tradições, trabalhando e agindo coletivamente, criticando e diferenciando-se dos que não são tremembés, formando comunidades, ou seja, relacionando-se socialmente. Desloca-se do eixo do estudo da identidade cultural para o das práticas étnicas. Provoca-se uma Escansão epistemológica onde agora o propósito está em fazer valer um "retorno de saber" (12). E também na proposição de uma ética antropológica e de uma qualificação atual da antropologia aplicada, afinal estamos envolvidos na mesma arena de conflitos e fatos sociais mais diversos, que afetam uma realidade específica.

Os testemunhos não podem ser entendidos apenas como narrativas de um único fato ou tema isolado. Eles apresentam um conjunto de temas diferentes que se interconectam e de tradições distintas que são mescladas. Por exemplo, a história da santa pode ser levada na direção do soterramento da igreja e logo em seguida sobre o conflito de terras. Antes disso parecer fruto de inconsistência narrativa, precisa-se ter em mente que o testemunho é um dispositivo de coerência e de combate, ou seja, não pode ser interpretado pela lógica do falso e do verdadeiro. Ao contrário, é sabido que as "inconsistências" do discurso representam a própria logicidade do que é dito, dando conta das posições tomadas pelo informante frente a outros discursos, a outros agentes sociais, incluindo aqui o próprio pesquisador. O discurso é tomado como dispositivo qualificado de diferenciação social (13).

É importante notar que a maior parte dos depoimentos foram entrevistas informais, onde os depoentes eram deixados à vontade no seu esforço narrativo, sem maiores intervenções, ao nível de perguntas fixas e determinadas, pelo pesquisador.

O testemunho de Francisco Narciso Alves expressa muito bem esse fato. Por acaso, lhe encontramos no Lameirão, quando fomos conversar com José Raimundo. Ele têm a idade de 83 anos mas não aparenta tanto e têm bastante disposição. Seu discurso têm a seguinte continuidade tópica: os índios de Almofala; a descoberta da santa de ouro; chegada do navio da Bahia; os índios festejam a santa; a rainha sabe da santa e quer trocá-la pela igreja; a construção da igreja; as extremas da terra que a rainha deu; encontro da "filha do rei dos índios" com "rapaz da Bahia"; casamento dos dois com a presença de todos os reis; torém e a celebração da santa; a Taperinha é visitada pelo informante e por um "doutô lá du Rio"; do roubo e da venda ilegal de terras por pessoas de fora; a pessoa que comprou a terra descobre que foi venda ilegal quando vai à Bahia, falar com "u grandi di lá"; a terra foi dada à todos por Deus; relato descritivo da dominação das terras locais por alguns latifundiários; questionamento dessa dominação; etc...

Não tivemos intenção - por questões pragmáticas e de ordem ética - de apresentar todo o depoimento de cada informante. Assim, procedemos pela melhor decupagem possível de cada um deles, sem prejudicá-los na sua singularidade e na sequência fiel que tinham. A transcrição das fitas foi a mais correta possível mas era intenção ressaltarmos o processo característico da tradição oral que sempre relaciona a história da santa, da terra da santa com os conflitos de terra, as invasões ocorridas e que ocorrem, e das diferenciações de status étnico e econômico que emergem nessa microregião. O depoimento citado anteriormente mostra o que viabilizamos, pois privilegiamos aquilo que os próprios depoentes priorizam. Nesse caso, a tradição oral não é um padrão cultural estanque ou homogêneo, mas ele têm um sentido mesmo mutante, que depende dos fatores que afetam os depoentes e as coletividades que eles participam. Novamente, falamos de estratégias sociais e de como a própria narrativa é uma delas.

A decupagem feita por nós apenas ressaltou aquilo que a prática discursiva dos informantes já fez, anteriormente, no momento das entrevistas.

Ficou patente a importância de determinados tópicos narrativos. Alguns estiveram presentes na maior parte dos testemunhos e mostram o interesse e o envolvimento que esses temas têm nas comunidades locais: os conflitos e invasões de terra; a relação assimétrica, de tensão e violência entre latifundiários e índios e trabalhadores rurais; o direito dos tremembês à terra da Grande Almofala, à terra da santa e do aldemanto; as questões referentes à ecologia, à posse da terra e a obtenção de recursos naturais; a territorialidade da Grande Almofala, da terra da santa, com suas "extremas" ou marcos delimitantes. Esses temas mostraram-se estar embrenhados uns com os outros, feito uma rede tópica de tradições e desafios atuais; o que já anunciamos antes com a amostragem tópica da narrativa de Francisco Narciso.

A corrente de transmissão e os temas de maior insistência podem enunciar a aplicação comum de um sentimento de origem étnica⁽¹⁴⁾, que foi difundido verbalmente e é coligido socialmente, em termos de atribuição e diferenciação étnica e econômica. A qualificação negativa "dos que vem de fora" está relacionada com a estratificação social⁽¹⁵⁾ implicada pelo monopólio dos recursos naturais e a dominação competitiva do nicho ecológico⁽¹⁶⁾ que existe na Grande Almofala e até mesmo no que podemos chamar de microregião triangular A caraú/Almofala/Warema. Os que vêm de fora estabelecem um desequilíbrio e um conjunto de relações assimétricas⁽¹⁷⁾ apresentados pela invasão de terrenos, compra desproporcional e desajustadas legalmente de terras ou a ocupação desmedida delas, infração do domínio do habitat dos índios, cercamento de terras sem utilização econômica. São exemplos de temas relevantes na própria ambientação do cenário que os depoentes vivem e transmitem tradicionalmente.

Eles já fazem parte da tradição, assim como é a "história" da imagem da santa que têm a versão da troca e a do roubo. O mesmo ocorre na "história" da igreja ou na história dos marcos que são os sinais das extremidades da terra do aldeamento. A Igreja também têm a sua história oscilando entre a troca e o roubo - das telhas, das imagens, das portas, dos potes, do sino.

A proliferação tópica referente à terra e a territorialidade nos mostra desde antes o direito imemorial dos tremembés à terra da santa, que aparece na totalidade dos discursos recolhidos por nós e até naquele de Chica da Lagoa Sêca, coletado por Silva Novo. Esse direito é justificado, transmitido, regulado pelas narrativas apresentadas. Podem ser aludidos diretamente ou alegoricamente, o que é um dos valores que a tradição oral possibilita - o recurso das estratégias de retórica para dar conta do passado e do presente servindo como práticas discursivas investidoras de filiação étnica.

O que temos é a exibição de um direito não somente pessoal, individual - de um lote x m² de terra - mas de um direito tradicional, e muito mais, imemorial da terra do Aldeamento, da terra da santa, cujo diâmetro é quase sempre minuciosamente relatado, num cálculo geopolítico⁽¹⁸⁾, fundamental para os interesses de ordem étnica e econômica. Os depoentes falam de marcas, travessões, balizas, extremos; têm a sua própria cartografia, que metrifica o espaço - "Nós os tremembés tinha 70 léguas de terra quadrada", Tia Chica (cf. Silva Novo) ou "Então a terra da santa era duas léguas em quadra, de nascente à poente e do mar à sertão, duas léguas, quadrujadas, duas léguas", José Raimundo, ou ainda "É parece qui era, ouvi falá qui era, quatro léguas em quadra. Parece qui era. É uma coisa assim," José Reinaldo. Não importa as diferenças de metrificação pois eles não são técnicos, nem engenheiros cartográficos. E esses técnicos têm função de medir o espaço, calculá-lo em bases numéricas, mas não depende deles reconhecer qualificadamente o espaço e esses depoimentos qualificam o espaço da terra da santa e por isso mesmo quantificam metricamente.

Não é um palmo a mais ou a menos (ver também o depoimento de Zeza e Raimundo). Por isso, existe sempre a alusão a um direito imemorial (mas também legal, porque em nenhum momento deixa-se de falar em atos administrativos feito por instâncias de governo; afinal, o que mais seria o reconhecimento e doação dessas terras aos tremembês pela Rainha?) que legitima a posse da terra pelos índios.

Não há somente a "exibição" do direito legítimo à terra, mas também dos impasses e da violência que tomou conta da terra do Aldeamento, da terra dos índios tremembês. Já nos referimos à isso. No entanto, devemos discutir a relevância do parâmetro ecológico⁽¹⁹⁾ nos testemunhos, que é muito aparente. Por exemplo, Agostinho diz, ... "do meu intindimento prá cá, aqui ninguém pagava renda, aqui nos cercado, porque aqui nunca deu prá fazer roçado mermo. Algum cercado, algum quintal, os quintal, algum roçadinho, que dava prá fazer prá aqui, ninguém pagava renda"... "aqui morava em terra apossada, em terra marítima, terra do aldeamento, terra que num tinha patrão, uma terra da santa, terra apossada." E também Vicente Viana, cacique dos tremembês: "...aí a aldeia eles acharam essa santa. Agora fazia, um bocado iam procurá comida e outros ficavam pastoreando qui era modo ninguém carregá a Santa ... Aí eles ficaram aquele bucado ali e os outros iam procurá fruta. Outros arrancá oistra. Ainda tem um monte de oistra. Eles iam buscá ali onde aquela rua ali." ... "Porque o papai memo contava. Isso aqui era tudo, isso aqui era deserto, isso aqui era mata, né. Es - ses alto qui têm foi as terras qui o mar jogou di lá prá cá. Aí foi o pessoal memo, os índio foram brocando, fazê mais o lugar mais aberto, né".

Os dois trechos recortados mostram claramente a cor relação dada pela tradição da terra do aldeamento com o aproveitamento econômico do meio ambiente, tanto numa referência explícita ao passado, por Vicente Viana, na descoberta da santa, quanto por Agostinho, em relação ao presente mesmo, da terra da santa, tida não somente como espaço ancestral mas ainda como lugar de produção de bens econômicos, utilização do nicho ecológico, enfim.

A ecologia não pode ser discutida sem o efeito complicador que é a competição por recursos naturais. Hoje, entre os moradores da Grande Almofala, ela ocorre junto do controle do meio-ambiente, das terras que são invadidas e seus moradores expulsos, e ainda pelo cercamento dos terrenos. Na entrevista de Venância e João Venâncio isso é evidente:

- Venância: "Na Passagem Rasa também invadiram lá. Invadiram. Butaram uns proprietário qui era di lá.

- João Venâncio: A Passagem Rosa foi invadida pelo Beja. Beja Carneiro. Matô os três homi qui era dono di lá.

- Venância: Foi. Matô os três homi qui era dono da Passagem Rosa, ele matô, qui tumaram di conta da terra. ...Eram índios legitimos di lá.

(depois)

João Venâncio: (...)Têm uns coqueiro por lá. Têm outras parte qui é só cercado, sem nada dentro... Tudo cercado, muitos hectare di terra, tudo cercado sem uma planta dentro. Muita gente fora querendo atrás di um pedaço de terra pra plantá, num têm. Terra tudo ocupada dibaixo di cerca sem rendimento nenhum..."

A Passagem Rasa é um lugar conhecido pelos tremembês como havendo existido ali uma aldeia. No entanto, hoje a situação mostra o monopólio dos recursos naturais⁽²⁰⁾ que foi instalado, pelo cercamento violento e extensivo do terreno e principalmente pela revelação da violência aplicada sobre os moradores. A morte anda palmo a palmo nos confrontos entre fazendeiros e antigos moradores, no caso, os tremembês. Existe a competição desproporcional por recursos, o que evidencia também um campo de forças assimétrico, onde o poder das armas é muito mais amplo. A violência é efeito direto dessa interação social realizada no conflito⁽²¹⁾, o que justifica, de fato, a eminência da possibilidade de morte.

Por toda parte, a terra da santa vêm sendo "navalhada" pelas cercas de arame farpado, criando domínios exclusivos de terras, aproveitadas ou não, pelos fazendeiros locais. Na Grande Almofala, o monopólio dos recursos naturais parece mostrar a formação de propriedades rurais concentradas muitas vezes monocultoras, mas também espetáculos mórbidos de dominação fundiária. Isso existe na Grande Almofala, entre tremembés e trabalhadores rurais, e é possível encontrarmos similitude em Caucaia, na situação de tapebas e posseiros. A situação fundiária na Grande Almofala coloca o enfoque nas fronteiras étnicas de trabalhadores rurais e tremembés algo difusa⁽²²⁾. Há de perceber que o conflito de terras, as invasões, os cercamentos e as expulsões traduzem um cenário rural onde diferenças étnicas podem ser em grande parte minimizadas. Porém, tal discussão não é possível de ser realizada, no momento; o que não impede que se reflita à partir dos próprios depoimentos a configuração de fronteiras interétnicas no campo dos conflitos de terra.

As narrativas desenvolvem esses tópicos muito bem, ou melhor, não é preciso ter condescendência diante deles. Todos esses homens e mulheres falam do que vivem, sentem, experimentam sem pedir permissão para o que dizem. Aliás, o desafio está presente em cada vez. Um desafio que não se esgota aqui, muito pelo contrário, ele está sendo praticado agora. Calculadamente, Estratégicamente. Investimentos sociais são feitos com minúcia, na consciência da singularidade que efetuam. Como últimas palavras, antes de tomarmos os testemunhos, propriamente ditos, com muito saber, José Raimundo diz:

"A Terra da Santa nun existe fique fora de conflito, nun exista mais perturbação praque si chegã a ponto di as autoridades dos alto nos ajudã, com poder de Deus agenti libertará a terra, a terra da Santa prá ficar como era antes. Agora eu acredito qui a luta vai ser meia pesada porque têm grandés rico, opinioso, dentro da terra da Santa, têm benfeitoria di grande valor. Dinheiro eles não quer entregã assim ãstendo graça. Eles poderão entregã mas di baixo de, dentro di uma grande luta pra eles poderem entregã..."

NOTAS

- (1) Weber, Max - "Comunidades Étnicas" - in Economia y Sociedad. México, Fondo de Cultura Economica, 1984.
- (2) Barth, Fredrik - "Introduction" - in Ethnic Groups and Boundaries. F.Barth (ed). London: ALLEN & Unwin, 1969.
- (3) Chaves, L.G.Mendes - Trabalho e Subsistência, Almofala: aspectos da tecnologia e das relações de produção. TESE de mestrado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1973.
- (4) Van Sina, Jan - Oral Tradition. London, Penguin, 1973.
- (5) Foucault, M. - "Genealogia e Poder", in Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- (6) Van Sina, Jan - idem.
- (7) Van Sina, Jan - idem.
- (8) Thompson, Paul - The Voice of the Past: Oral history. Oxford, Oxford University Press, 1986.
- (9) Barth, F. - idem.
- (10) Foucault, M. - idem.
- (11) Weber, M. - idem
- (12) Foucault, M - idem
- (13) Leach, Edmund - Political Systems of Highland Burma. The Athlone Press. London School of Economics. Monographs on Social Anthropology nº 44, 1981.
- (14) Weber, M. - idem.
- (15) Després, Leo - "Toward a theory of ethnic phenomena" - in Ethnicity and resource competition in plural societies. The Hague, Paris, Mouton Publishers, 1975.
- (16) Barth, F - idem
- (17) Leach, E - idem

- (18) Lacoste, Yves - "geografia e Geopolítica", in Avriac, Frank & Brunet, Roger, coord. "Espaces, Jeux et Engeux". Paris, Fondation Diderot / Fayard, 1986.
- (19) Barth, F - idem
- (20) Després, Leo - idem
- (21) Simmel, G. - "The nature of conflict", in Conflict and the Web of group affiliations. New York/London, the Free Press / Collier Macmillan Publishers, 1964.
- (22) Barth, F - idem.

Informante: TIA CHICA, Lagoa Sêca, in Novo, José Silva - "Almofala dos Tremembês", 1976, sem dados de editora.

"Pofessor". "Meu filho".

"Aqui, em nossa terra, reinava a paz. Mais depois qui esses tal de civilizado pisou nas Almofala a gente nun sosseou de forma e jeito. Nós os Tremembês tinha 70 légua de terra quadrada. O documento dessa terra está na Capital qui eu nun conheço. Um ladrão daqui das Almofala sabe onde o Cartoro qui ele se encronta. Isso foi dado p'ra nós pur uma princesa portuguesa qui viu qui nossa família era muito grande aqui nas praia. Os tremembês compreendia desde a ponta do Camocim até pra banda da Lagoinha e daqui da Lagoa Seca até depois da Serra da Ibiapaba. Era muita terra, pofessor. E o hoje os ladrão civilizado tomou tudo qui nós fazemos finca-pé. Somos mais de 300 índios da raça".

Informante: João Gonçalves de Nascimento in 75.LC.29 - Convênio SESI -CDFB pesquisa de Aloysio de Alencar Pinto. INSTITUTO NACIONAL DE FOLCLORE, 1975.

"...porque aqui na Almofala só existia índio, viu, tinha uma carreirinha de casa, de barraca pur esse lado, e tinha outros por esse lado do sertão. Ali era só os índios, e foi dando, foi dando, lá eles acharam a santa. Aqui na Almofala, pelo lado aqui, quase do poente. Acharam essa santa. Di ouro. Aí, foram. A dona rainha, a dona daqui dessa terra, a rainha, ela soube que os índios tinham achado essa santa. Aí ela foi e mandou pra aqui, os índios, aí mandando dizê qui dava outra santa pur essa outra e fazia mais a casa pra módi nós adorá ela, o que ela mandasse, viu. Em pouco tempo veio a outra santa e a outra os índios levaram. Levaram. Entregaram a ela, foi trocada. Agora aí, ficou. Ela di lá da Bahia, foi da Bahia, veio todo preparado para essa igreja. Veio a têia, veio tijolo, veio madeira, veio tudo. Mandado por ela, taí, passô uma porção de tempo. Aí foi a festa. (...) Mas o meu pai era um caboclo véio, um caboclo véio índio é quem dizia anôs. Foi o meu pai e os meus avôs lá existia também contavam. (...)

Informante: José Raimundo, Lameirão, dia 3.02.88

- "Em 1905, os nossos pais e avós vivia numas cabanas, morava numas cabana na Varjota. Então cercado de pau arredor, devido um pouco, às feras, que existia muitas feras. Onças ferozes. Então, eles, ao pôr do sol, faziam uma grande fogueira e juntavam madeiras grossas pra passar a noite queimando. Então, as onças chegavam pá perto do fogo, eles di dentro das casinhas, das cabanas, eles olhavam, vendo as onças de côcoras na beira do fogo, na claridade do fogo, por perto. Então eles faziam aqueles fogo, aquelas coivara, aquelas fogueira pra elas não irem atacar eles dentro de casa. Então, eles se interstinham com o fogo e até o dia amanhecia e elas procuravam se afugentar e eles com a amanhecença do dia, quando o dia amanhecia, eles aí é que abriam as portinha e saiam pa fora pá irem cuidá da roça, irem brocá e bem trabalhá. Então, os roçados deles não era longe, era mesmo perto das cabana e eles viviam assim: fartura de caça e peixe tinha muito, então, a eles, o esforço deles era pá adquirir a roça, plantar a roça pra fazer di a farinha, pra comer. Quer dizer qui o peixe e a carne, quer dizer caça era muito. Peixe no ali, nu alagamar, nu rio, era muito, também era só ali buscar, ir pescar. Então, eles viviam numa vida descansada porque não tinha persiguição di outra coisa à não ser as fera. Então, com a continuação, a descendência deles foi aumentando e foi aparecendo mais gente e até que chegou o ponto e eles também matando aquelas onça, aquelas fera, eles procuravam matar e elas se afugentaram pra longe e eles ficaram dispreocupados. Aí viviam trabalhando, pra arrumar o pão, pra comer mais os seus filho e outra preocupação não tinha.

Então, eles ficaram aí muitos anos nessa vida, nessa convivência e então nesse tempo criou-se a fazenda São Gabriel, lá vizím a terra da Varjota, a terra da Santa mas tinha o limite da terra separando uma da outra, dividindo, todos sabiam, todos os tremembé sabia, todos os índios sabia onde era a extrema da terra. Então, esta fazenda pegava da beira do rio, ia, era, meia légua, da beira do rio pra dentro, meia légua. Então, extremava pelo lado sul as terras dos Alves e pelo lado do mar era a terra da Santa e a fazenda São Gabriel no meio. Então a terra da Santa era duas léguas em quadra, de nascente à poente e do mar à sertão, duas léguas, quadrujadas, duas léguas. Então, eles viviam morando nessas terras, despreocupados, sem perseguição di patrão, ninguém nun existia, qui acatasse eles. Chegou ao ponto di ficar essa fazenda, foi morrendo os velhos e ficou para os seus filhos, di neto até que chegou o ponto a fazenda para o Quincas Frederico, Joaquim Frederico. Então, esse Joaquim Frederico tinha uns filho, com a morte de Quincas Frederico ficou para os filhos. Ele morava nos Patos e tinha a fazenda São Gabriel. Os Patos ficando pelo nascente da terra da Santa. São Gabriel pelo lado do sertão, da terra da Santa. Quando com a morte di Quincas Frederico, os filho de Quincas Frederico ficou Padre Ieli por dono da fazenda São Gabriel. Então, padre morando em Fortaleza i di vez em quando vinha na fazenda. Então, Padre Ieli fêz uma casa na Batedeira, dentro da terra da Santa. A Batedeira era um sítio de coqueiro feito pelos tremembés, pelos índios i então o Padre Ieli veio e fez uma casa vizím ao sítio na Batedeira. É uma lagoa, lagoa da Batedeira. Então o Padre Ieli vivia convocando o povo, animando os trabalhador, os índios pra eles se chegarem a ele, i fazerem os mandado dele, ele quiria qui eles fizessem uns trabalho. Eles nun mostravam dificuldades, eles fazia aqueles trabalhos pra ele até qui chegou o ponto de eles aumentarem dimais a terra, o travessão da terra, da terra da santa, ele entrando pra dentro do terreno da Santa, 300 braça.

Ele aumentou mais 300 braça e fêz outro travessão, fechando o marco da terra da santa que passava no córrego Prêto. Então, tinha lá uma gameleira qui pegava no travessão, tinha uma pedra qui tirava direto no Forno Velho. Então, do Forno Velho tirava direto pra beira da praia, passava na Lagoa Luís de Barros, atravessava duas carnaubeira, a agulha passou no meio e furou as duas carnaubeira e fechou pra beira da praia. Então ele, esse Padre Ieli, depois de fazê essa casa, aí começô a chamá os indio pra fazê pra ele e chegou ao ponto de acrescentar mais essas 300 braça pra dentro da terra da Santa. Então, com essas 300 braças, aumentadas pra dentro da terra da Santa, ninguém fêz questão, o pessoal vivia, num tinha ambição e achava qui aquilo num prejudicasse a eles. Ele passou o travessão, di maneras qui nun houve impedimento. Quando chegou o ponto di Padre Ieli morrê. Antes de morrê. Ele tinha uma irmã por nome Miranda e casada com senhor por nomi di Aquino. Então esse Aquino, procurou acomprar essa fazenda São Gabriel do Padre Ieli i nun sei qui negócio fizeram i ficou prá esse Aquino. Esse Aquino ficou sendo o dono da fazenda. Então, esse Aquino procurô à querer mandá na terra, que rê mandá assim dando ordem, pur exemplo, dando ordem...falando com os trabalhador, como si fosse patrão. Mas deixa qui, ninguém pagava venda á ele, ninguém era dominado por ele. Mas ele ficou querendo se autorizá i algumas coisas dentro do terreno da Santa. Pelo menos o carnaubau ele tirava, mandava tirar o carnaubau, ninguém dizia nada. Mas agenti era liberto, ninguém era sujeito a ele. Ninguém tava ali com ordem dele. Ninguém morava em terra dele. E ele ficou com raiva: depois eu vou mostrar vocês como si faz. Quando deu-se fé. É chegou, ele vendê a terra, a fazenda São Gabriel, à firma Ducôco. Essa firma Ducôco, Doutor Laércio, o dono da firma. Então..."

"(...) Nós em visto agenti ser filho da Terra de Al-mofala. Agenti ser filhos dos antepassados, índios tremembês de Al-mofala, acha que nós têm direito a essa terra. Acha que nós tem direito a lutar por essa terra pra nós morar e viver nela.

Pra nós morar e trabalhar nela. Então, agenti acha que os patrões, os latifundiários. A firma Ducôco atacou essa parte da Varjota. Almofala tá sendo invadida pelos tubarões, por genti de fora que chega com grandes poderes i fazem logo casas boas i afastam os índios tremembês das suas cabanazinhas, das suas choupanazinhas, afastam eles e fazem seus grandes prédios e com poderes cercam logo uma grande parte de arame e eles ficou e continua a zelar e dali adiante tão sendo dono. Então, isto é o que vêm acontecendo na terra di Almofala. Isto é qui vem acontecendo di muitos anos e os índios se acochando e tem momentos, tem dias qui têm carência di si casá um filho, não têm ondi si bote uma casa, tem deles obrigados a ficar mais os pais com eles, num tem mais onde bote porque os patrões, os latifundiários não aceitam eles terem direito de butá, fazerem uma cabanazinha por barro pros filhos dele morar. Atualmente, eles sendo até os próprios pais tão sendo embargado, tão sendo expulso do próprio lugarzinho onde moram, eles tumando os quintalzinhos deles e retirando eles das suas própria casa. Isso é o que se tá acontecendo na terra de Almofala. A Varjota e a Tapera foi assim. A Tapera eles invadiram, expulsaram os moradores... A Varjota não foram expulsos até agora e nem serão com os poderes de Deus. Mas ficou-se dessa maneira. Então agenti tá trabalhando pá se organizar cada vez amais com o pessoal de Almofala..."

"(...) A Terra da Santa nun existe fique fora de conflito, nun exista mais perturbação porque si chegá a ponto di as autoridades dos alto nos ajudá, com poder de Deus agenti libertará a terra, a terra da Santa prá ficar como era antes. Agora eu acredito qui a luta vai ser meia pesada porque tem grandis rico, opinioso dentro da terra da Santa, tem benfeitoria di grande valor. Dinheiro eles não quer entregá assim âstendo graça. Eles poderão entregá mas di baixo de, dentro di uma grande luta pra eles poderem entregá. Eles â sendo graça eles não entregam. Eu conheço aí as gente, criminoso, de ter matado pessoas, pessoas passando no caminho, purcausa de uma pequena dúvida, eles peitaram o motorista e o motorista fêz qui o carro dá no prego e eles, o carro parô perto da casa deles, e eles foram, quando

o carro parô, eles já tavam combinado, eles foram chegaram lá, mata-ram o povo. Tava ali prá tomá grandes sítio de importância que eles tem, não é? Purisso é que eu acho pesado. Mas nós nun podemos perder a fé e a esperança porque sabe qui Deus é sobretudo."

"(...) Os sócios do sindicato que pertencem a Terra da Santa é menos da metade. É bastante gente. Agora, têm uma grande parte, tem também que são índios também. Mas fora da Terra da Santa. Também, aqueles pessoal ali pra dentro, trabalhador rural. Então, é muita genti, pra lá, mas fora da Terra da Santa. Então, também. No município de Itarema, é. Então, pra onde eu fui, no Capinhaçu, têm índio velho lá, uns com anos qui eles têm sêde de conversar com esse pessoal. Eles tem sêde de gente que tem uma histórias importante do começo que eles chegaram lá. Então, esse terreno lá entrou agora, a-genti vai entrá com ele em processo de desapropriação... Os Suzana. Fica no Capinhaçu. Fica no ... São tremembês. Eles contam dos três oito(38), eles contam, eles contaram a nós agora dos três oito prá cá eles contam amiudo, contam história direto."

"(...) Nós, achamos se o sindicato era um ponto impor-tante pra nós. Agora eu já pude saber, eu já pude entender que alguém já me falou que o índio. O sindicato não é próprio pra defender os direitos dos índios. Isso eu ouvir dizer. Eu acho que o índio que vi-ve da roça, do seu roçado, fazendo o seu roçado, trabalhando como trabalhador rural precisa do sindicato pra ajudar eles porque o sindi-cato é quem fortifica o direito do trabalhador no campo. Grandes con-sequências têm acontecido no nosso meio, invasão de gado, destruição de gente, abri planta de outros, outros queimá cerca de outros pá , pra devorar, destruir as plantas dos outros. E agenti acha que o sin-dicato ajuda. Isso é coisa pra dentro do sindicato e o sindicato re-solve essas coisas. Então, o indio que vive da sua agricultura, da sua raça, é preciso que se associe porque inté agora pra nós não che-gou outro órgão que nos ajudasse na luta do campo".

Informante: Estevão Henrique, Tapera do Côco, dia 4.02.88

"...Do meu tempo pra cá. E o meu padrinho dizia. Ávou começá primeiro do cuma foi qui formou-se a primeira adaptação. Os tramembés tavam tudo em andramento di Almofala^o, és tudo feito o magote di Almofala, Lagoa dos Botões qui si chamado. Qui é lá embaixo. Vou contá logo da primeira vez qui o meu pai mi contava, ele me levava pro serviço, só com aquela cabacinha d'água, né. E ele dizia essa estória. Co mu é qui tinha achado, tomado a santa. A primeira santa qui foi achada. Aquela santa diouro, viu, a santa di ouro. Aí os índios saíram pra pescar. Eles só pescava di noite, os índios, né, com medo do pessoal di dia, né. Lá do Mangue Alto. Aí quando dilonge viram uma tocha di fogo. "Mais qui tocha di fogo é aquela?" Isso os índio se entendendo com o outro, viu. 'Já vai atingi ela. Vamos espiá! Ah pode sê alguém fazendo fogo pa gente. Não é não. Vamos espiá!' Aí si foram cada qual com suas flecha, suas arca, i foram olhá. Lá o fogo qui eles viram, tá entendendo! Quando chegaram lá era a santa. A santa. Esta também qui era a santa achada, a primeira santa, antiga daqui da Almofala, era santa di ouro, essa santa de ouro quando ela, nun sei si tá em Portugal, foi trocada, tá entendendo! Aí, um ficô reparando e o outro veio avisá os outro que tinham achado essa santa. I fossem busca-la. Aí tudo vai pra ondi ... sentaram o bando, homis e muié foram buscá a santa. Aí chegaram com a santa: 'i agora qui nós vamo ficá'. Aí chegaram, ele tinha uma raminha pur nome chamado salsa, né. Essa salsa até exprememo ela....Salsa. Aí eles foram tumando. Tiraram um bocado di vara, aí teceram com essa dita salsa, viu. Aí fizeram, cortaram quatro forquilha. Cê sabe o que é forquilha? É assim como é qui nó fica. Aí fincaram no chão i cobriram com as telha qui teceram i butaram a santa dentro. Aí foram adorá. Aí foram tudo, aí fizeram logo um ... i butaram a santa di abaixo. Mas o altar da santa era um jirau, um jirau di vara. Aí toda noite eles iam tirá o terço da santa. Aí eles estudaram o meio como é qui podia tiradorá a santa, aí juntaram a resa.

Aí essa santa aí quando eles foram adorá, aí eles botaram por nome aí Maria Labareda, né. Aí quando era da hora do terço, dizia, 'Maria Labareda salta aqui, salta acolá. Eu quero vê agora'. Era o terço deles quando ia adorá a santa, boca da noite, tirá o terço.. todinho, né. Aí, dizia aquele terço. Aí sandian prá acolá conversá. Conversá, conversá, conversá. Aí di noite, chegava i dizia: ' Maria Labareda salta aqui, salta acolá. Eu quero vê agora.' Pronto . Era o terço deles. O terço dos índios, dos tremembês, tá entendendo. Aí então esse nomi di Maria Labareda, eles tiraram porque quando acharam a santa di ouro, di longe que eles vistaram, si fosse como um fogo, né. Aí eles tiraram, di cabeça, né. 'Maria Labareda, salta aqui, salta acolá. Eu quero vê agora'. (risos) Aí, bom, pareceu um robador da santa, um robador da santa, alguém botô pistoleiro por fora pra roubá a santa qui eles nun tinha condição di adorá uma santa di ouro, né. Eram uns índio, bixo brabo, tinha lá... Aí aqui tinha um homi por nome chamado coronel Zé Gome, por nome chamado, coronel era, dos Pato. Aí mandô. Aí tinha uma santa aí também na Igreja dos Pato. Mandou pra trocarem. Aí, uns foi concordado, os outros non foram. Prá concordá trocá a santa! Aí erraram, chegaram i levaram a santa, até aqui na pra visitá a outra santa, tá entendendo. Aí o coronel quase pediu pra eles deixarem a santa. Pá eles desistirem. Deixô. Eles pidiram muito, aí deixaram a santa lá no Acaraú. I eles já simbora. Aí já simbora pra moradiazinha deles, uma caisinha toda di páia.(...) Qui quando o dia amanheceu , cadê a santa? Lá no ribeirãozinho. Maldita santa qui eles tinham deixado nos Pato. Junto com a outra santa, entendendo. I quando o dia amanheceu, taí ela aí no ribeirãozinho. A di ouro, voltou! (...) Isso eu tô contando, mas qui o meu pai já contava, tá entendendo , qui era um dos tal qui adorava. Qui adorava o terço da Maria Labareda, qui era o nome da santa. Non acharam outro meio pa botá nome da santa, aí butaram o nome dela como Maria Labareda. Aí, desse nome é qui tiraram o terço. Aí começaram adorá ela. Aí, pareceu gente de Sobral, pintou muita gente aí para carregarem a santa.

Pra carregarem a santa porque nun tinha condições di butarem essa santa lá, não. O meu pai mi conta, mi contava, mi conta mais não porque eu não sei si tá na terra ou nus alto. Qui dêsse dia o sangue, o sangue deu no meio da tarde. O sangue, purcausa da santa. Eles já tavam encarregando a santa e os tremembês não deixaram. Qué dizê, qui foi sangue. É homi, é mulhê, criança, tudinho, tudinho nessa época brigou. Era mulhê di cabeça lascada. Era homi di cabeça lascada. Nesse tempo não si usava o taco. O nome dos cacete si chamava pur nome di quatro quina, era uns cacetodi assim. Chamava quatro quina. Quando ele batia, as quatro quina ficava aberta. É, quatro quina, lavrado, tanto por um lado, como por outro. Eram as quatro quina. Aí no meio, perto do meio do cacete o camarada furava, o camarada furava o perrinho e ele tinha uma argola. Quem quisesse metê uma argola ele tinha, quem nun queria tinha um pedaço de sola pra metê nus braço, viu. De roubado o santo do outro, o cacete na dobra do braço. O pessoal pratrásmente era bem civilizado, né. Metia a cabeça dentro do cacete. Quando da terra batia o outro, né. E aí pronto, rebateu-se que ele caísse no chão, aí tava custo ele, aí juntava ligeiro qui o outro cobria. Memo qui ele rebatesse mais, não saia argola do braço, né. (risos) Aí sei qui lutaram muito, nacarregaram até o antor. Nacarregaram a santa até o antor, né. I aí, tumaram. I aí tumaram a santa. Aí parece qui alguém, Baías, Portugal, aí foi chegou até nossa notícia qui os tremembês tinham achado essa santa di ouro. Aí, sô, qui eles parecesse lá i levasse a santa. Justamente levaram a santa. Já qui foi trocada a santa, essa Nossa Senhora da Conceição, essa daqui da Almofala. É, mas, essa santa já foi trocada. A santa di ouro foi trocada por uma Nossa Senhora da Conceição. Aí foi qui butaram o nome dela. Nossa Senhora da Conceição. Essa daqui da Almofala. Todo mundo conhece. Meu pai, porque meu pai morreu com 66 anos, né. Ele disse qui era rapazinho no vinho, contaram essa arrumação, né. (...)"

"(...) Aí, deixei o pé da estória pra trás! Me lembrei agora. Mas eu vou contá, quando me lembrei vou contá. Ai, bom, aí quando apareceu essa santa qui foi paí, lá pã casinha dela.

Aí essa santa tava presente. I era só coisa, coisa di valugado, ela tinha fazendas e fazendas de gado. Uma qui quem conhece mais a santa di Almofala (um nada? Nun tem nada! O que ela podia ter era um bom servo di Deus ali pá todosome mundo celebrá a missa ali, né! Mas cadê? Qui bom! Aí meu pai dizia delas tinha fazendas e fazendas di gado. Aí quando o pessoal enxergaram qui a santa tava rica. Aí o quê qui faz o lobo? Hem? 'Rapaz, sabi di uma coisa, vamos todos ali' 'Vamo reto ao leilão!'. 'Vamo reto ao leilão, pá Nossa Senhora. Pra nós arrematá o gado dela'. Esse pessoal, tudo são pessoal curiosos, os lobos, né. Vaí começa. É o tempo tem leilão da Almofala, Nossa Senhora. Pois, meu pai dizia, 'meu filho, boi de cinco ano, os boio' (...) Os boio da santa de cinco ano, ia pro leilão. Aí rematava, boi di Nossa Senhora, outro butava, outro butava, outro butava, outro butava, i aí, pra quê santa com boi, com gado? Té isso assim meu pai dizia, que eles diziam (...) 'Pra quê santa com gado?' I arrematava, i foi indo, i a santa perdeu até o sinal. Como hoje sinão que nem terra mais podi dizer que ela nun tem mais, né! Purque a terra que ela tinha, aquelas quatro légua, di terra em quadra. Hoje tem mais dono do que tudo, né.

(...) Rapaz, o finado meu pai mi dizia qui ela começava da Lagoa do Moreira, da Lagoa do Moreira, quando chegava aqui, em Almofala, ela tirava por um tal bambuzeiro, que tem aqui. Bambuzeiro, que tem pos aí assim, né. Eu não sei si é do Córrego da Raimunda pra cima esse Bambuzeiro, Nico? Quê mesmo falá não donde era não, Nicó? Pois bom, aí tirava certo té aqui justamente no Córrego Prêto. Antônio Gonçalves disse cês, diz que andaram lá na extrema da terra. (os pesquisadores passaram pelo lugar chamado Córrego Prêto, próximo do Sangradouro, e vizinho da Fazenda São Gabriel, que faz limite com a terra da Santa).

(...) Exatamente. Aí meu pai dizia, ele era um que andava pras pedra, finado meu pai, era um qui andava nas pedra, era o fincador das pedra. Tudo armado pra (...) tirando a terra da santa. Esse finado Benedito era o morador, era só o último morador que tinha. Lá do São Gabriel. Chamava o finado Benedito. (...)

Dizia meu pai qui o velho tinha um curral. Esse velho Benedito sempre tinha umas condição, né, pra se criá gado, criá animal. E tinha um curral. A agulha sim! I bem no canto do curral do velho tinha um pé de arvore, com nome, di gamelera. A agulha pegô bem no tronco, pra dentra, atravessô aquele correço. Ele me dizia: 'filho, atravessô o correço dos, do curral do velho pra frente, atravessô'. Pur qui lá na frente tem uma cosa pur nome chamada ilha du Salo. (...)

Exato, adiante fizeram marco aqui, dizia meu pai: aqui meu filho nós temo marco! ...É tudo na área dentro do Córrego Preto. É dentro da São Gabriel, tá entendendo. Mais essa coisa que tô lhe informando a muitos ano, qui chamam essa cosa pur nome di ilha du Sal. Tá entendendo! Pur nome ilha du Sal. Purque nessa ilha, pur detrás de la tinha uma salina. Pur isso qui o pessoal chamô di ilha du Sal. Por detrás dessa ilha que eu tô lhi informando. Eu butei muito sal, di lá dessa ilha. Apanhava muito sal. O sal veio di lá adiante, depois qui, aqui nun deu mais à ... Aí tocava pra cima. Tá entendendo! Exato. certa na saída formô esse bendito forno velho daqui. ... (E.H. faz enquanto desenha) Fazê aqui pur exemplo, logo aqui a Lagoa do Moreira, saindo direto, aqui, Almofala, tá entendendo! Aqui, Almofala. Justamente aqui ela tirô pro Corrego Preto, aqui. O qui meu pai já dizia. Justamente aqui era o curral do finado Benedito, né. Tá bom, isso aqui, aqui siguiu pra frente. Chegô bem aqui, meu pai fincô a pedra. Atras da cerca, pracima... Si pergunta alguém mais do que eu. Todo mundo dá testemunha qui seja, né. Aquela acambô, aqui. Justamente aqui, vinha um travessão. Aqui é fôrno velho, tá entendendo. Aqui ela cacimbô prá fora, justamente agora pras lagoa, tá entendendo. Justamente, esse travessão aqui, ondi hoje é a industria, o como foi qui ele dissi que era a fazenda.

(...)Fazenda ... Firma du Aguapé. Ou é Fazenda Aguapé? Nós habitava pra lá, fazenda Aguapé. Bom, chegô bem aqui assim. Por sim, meu pai mi dizia, saía justamente dessa Lagoa do Aguapé. Bem aqui, dizia qui bem aqui assim tinha, agulha pegô a perobeira, aqui tinha a perobeira, viu. Quando ela veio di lá pra cá assim. Quando acabô aqui, atravessô aqui. Saiu muito tempo.

O vento pegô bem na perobeira. Tudo meu painho contava tudinho. 'Isto meu filho eu vou contá'. Hoje é a firma (...) Aqui, ela caiu. Ela caiu aqui di novo. Bem aqui é as ameixeira, tá entendendo. Cês ouviu falá das ameixeira? Pois bem, aqui vem ela. Aqui vem ela. Aqui era as outra carnaubeira furada, qui era onde a agulha pegô. A Lagoa Luís de Barro, tá entendendo. Qué aqui ... di um lago. I aqui saiu. Daqui ela caiu aqui, pru mar. Aqui ela caiu pro mar. Lá donde a carnaubeira furada, tá entendendo. Aqui ela caiu, justamente, aqui cá prá pedra, nós chama pur nome cabecinha. É cabecinha, a pedra é dentro du mar. É dentro du mar assim: é do meio de uma altura da costa. Mas na maré grande ele fica di fora. E da maré di quarto, ele fica , só borbulhando, acolá ... Mas a maré grande, ele fica no sêco, sêco.

(...) Essa terra era de Nossa Senhora. Essa terra aqui essa terra qui tá qui dentro é de Nossa Senhora. Todo mundo é sabendo nisso. Todo mundo é sabedor nisso".

Informante: Maria José (Zeza) e Raimundo - Barro Vermelho, dia
29.01.1988

Maria José - "A mamãe contava qui nessa época os índio qui vivia aqui dentro di Almofala. Mamãe contava i disso antigamente era mata de si caçá assim toda caça. Quando foi um dia acharam a santa. Pegaram essa santa e fizeram uma casa di ramo, palhoços; butaram essa santa dentro. Quando era di noite os índios iam procurá, di dia os índio iam procurá do qui comer. Di noiti, aquelas cabaçona de mocoioró, qui chamava cuiambá. Butava no meio do terrero, fazia uma coivara, botava uns pau, fazia uma coivara. Dançava inté bem cedo. Quando amanhecia o dia era índio, índio tudo caído aí, cuspindo mocoioró. Pra dançarem encostado essa santa, fazia di conta qui era o padre qui tinha. Era essa santa. Cê sabe qui todo índio é abestado. Mais já foi-se o tempo qui os índio era abestado.

Raimundo - Já foi-se o tempo.

Maria José - Hoje os índio tá mais sabido do qui memo os sabido. Poi bem, quando foi um dia mamãe contava, quando foi-se bucado d'índio veio caçánessa mata qui hoje é donde eu moro. Di Almofala pra cá, com certeza era aqui. Ela dizia: 'minha filha, era da Almofala pra riba'. Era aqui. Aí eles pegaram, eles acharam uma indiazinha. Butaram essa indiazinha no tuntun. E abarcaram, e aí a indiazinha 'dente' neles. Dente neles. Quando chegô em casa disse qui esses amigo todo mapeado, tudo bocado. Agora vamo vê o que ela comia: era lagartixa, calango, essa coisa. Caro custô pra ela se acostumá comê cuzinhado ou assado. Com certeza quem nasce-se que no mato só come dessas coisa, né! Frui-ta. Os índio antigamente comia essas coisa. Coisa crua. E é tanto qui os índio não gosta di coisa nem bem assada, nem bem torrada, eles córri do sangue.

(...) Poi bem, a mamãe disse que essa santa qui acha - ram era assim comparando malcum assim da altura di uma mulhé.

Diz qui era uns brinco dessa santa fazia gosto. Di ouro. A coroa dela toda di ouro. Diz qui era um ouro assim, branquinho, qui ouro bom não é cimarelo coma hoje, era branquinho. Pra donde agenti olhava na mente a santa acompanhava assim ... Tinha os ôlho azul qui era duas pedra di anjo. Quando foi nesse tempo chegou aí uns homi-di-fora qui veio aí iludí os índio. Embriagaram esses índio. Quando amanheceu esse dia cadê santa? Pur causa disso do lado di cima da igreja tinha um cajueiro grande, tinha um coqueiro pelo lado di baixo. Eles quebraram esse cajueiro todinho. Justamente, pode sê aqueles osso, qui hoje tá dentro da igreja. Quebraram todinho di qui o sangue du povo fazia bica no chão. Mas mataram o indio, nesse tempo mataram indio. Aí eu fui perguntá ao finado Moitinha, ele disse du mesmu jeitinho. Quebraram esse cajueiro todinho na cabeça uns dos outros.

(...) Tumaram nossas terra. Tumô tudo. Hoje ninguém têm mais nada. Nem há donde crie um pinto, agenti não tem. Como vocês todo mundo tá vendo aí. Os quintau maior qui tem não cabe duas casi - nha. Dois casebre não cabe. Cabi uma poça.

(...) Eu acho qui só, purque a terra, a nossa terra nós qué toda! As extrema dela é lá da Lagoa do Moreira, no meio da Lagoa du Luís di Barro, i da beira da praia as Aumeixeira, Fôrno Velho, Lagoa dos Barrão, Bambuzero.

Raimundo - Bambuzero extrema com a Lagoa Sêca; Lagoa Sêca, praia. Cadinho ...

Maria José - Cadinho pra acolá. Mais nós qué a terra, nós qué toda, purque si fôr só um bôlo cumuquerem darem só da Almofala prá riba, qué qui nós faz? Eu tenho meus filho, depois tem meus neto, depois tem meus bisneto, depois tem meus tataraneto. I os outro? Maninho hoje têve me dizendo: "Tia Zeza, quando meus filhos casarem onde é que eles vem morá, os meus neto, meus bisneto, os meu tataraneto?? Só si fizé como prédio! ... E as nossas terra tudo tomada. Purque a fome dá qui nesse lugar. Nós não tem donde plante um feijão, um milho, uma roça, nada! Purque rico tome di conta do mundo nu lugar purque compra um pé di coqueiro, aí toca a baliza inté a beira da praia, como esse Chico Assis têve dizendo: não é tudo dentro do mar, como eles morrem afogado pá tubarão comê. Aí só prá dizê assim: 'É meu'.

Nem planta e nem dá. E nem arrenda. O monte de capinhaçu, as toceira é isto, dá pra si escondê duas pessoas di trás. Prá dizê assim: 'É meu'. Só prá tá olhando. Nem planta, nem di milho, di rama, nem di cana, nem di coquero, nem di nada! Purque a fome é qui desse lugar? Purque ninguém têm donde trabalha!

(...) Olhe, aqui (Barro Vermelho), eu nun vivi muito tempo não. Purque eu mi mudei pra cá nu 58. Mas eu sô nascida na Lagoa Sêca, na terra dos índio, dentro dos tremembês velho, dentro , dentro. Quem me pegou foi a minha mãe, Raimunda Pé de Caco, a mãe da Marçonilia. Eu, Aridí, o Raimundo e a Raimunda, nós somo filho natural daqui di dentro do aldeamento dos índios da Almofala.

Raimundo - E eu sô filho natural da Gamboa da Lama.

(...)

Henyo, pesquisador: E onde é que está essa santa?

Maria José - Ninguém sabe, ninguém sabe. Uns diz que tá com a Ralinha outros diz que tá em Sobral, e cada qual prá dizê uma coisa. Outros diz qui tá no Acaraú. Ninguém sabe, ninguém sabe adondi que tá este santo. Ninguém sabe ..."

Informante: Francisco Narciso Alves, Lameirão, 03.02.1988

- "Então, os índios. Neste tempo era Almofala. Hoje é pouvação, né... Era pouvação i hoje é Almofala. Bem, eles andando na mata, era mata grossa, acharam a santa di ouro, toda di ouro, cordão di ouro, brinco di ouro, corpo di ouro, pé di ouro, tudo di ouro. ... Ora! Foi no tempo do século passado. Mas eu conto como meus avô, meus pai contava tá compreendendo? Tá compreendendo, como é? Aí, i quando foi um dia chegou um navio no mar di Bahia. Aí, eles pegaram pra eles. Eles não entraram. Não entraram. Aí eles pegaram mutã, pedaço di carne, pão, palha; pegou uns capim quando ele viu comê, como sabe, os indio! Aí, ele foi, pegaram achã, i pegaram achaná, povo du navio pegaram acharã. I aí como di fato eles pegaram si incostaram, pegaram si incostã. dispois bem ... Mis bem, é pra nós hoji ànoite festejã nona santa di ouro ... Sim, festejavam a santa. Di dia pra todo. Aí, o começador: 'Naráú, naráú, naráú, naráú. Naráú, naráú, naráú. Anaraiê, anaraiê, a naraiê ... Ali, levava a noite, até o dia amanhecê. Aí eles foram, tiraram. Foi-se imhora i chegaram lá, contaram à Rainha. Qui tinha essa santa di ouro. Quiria qui eles, só sentava pra ela, ela foi i mandou essa nossa senhora qui tem aí, trocã na santa di ouro i fazia, mandava fazê, trazia tijolo, telha. As telha eram deste tamanho aqui, estas eu já alcancei. Os tijolo era assim. Estas, eu alcancei. Inté qui o morro tomô conta, incheu. Acabô, mandaram carni i osso. ... Trocaram a santa lá quela terra aí, dá lá da minha prima Maria Ramo, prá cá, lá nas aumeixa, pra cá, a Lagoa du Morera, do meio prá cá é da santa qui a rainha deu. Tá vendo. Duas légua, in quadra. Bem, aí na - vio foi-se imhora com a santa, Ficou um rapaz qui ainda, procurando. O rei dos indio morava nu Paracurú. Aí, quando o rapaz chegô.

Navio tinha s'imbora, rapaz viu. I atirou-se, i atirô. I o rapaz ficou doido. Navio já ia... O rapaz ficou doido i subiu di beira-praia. Subiu, tocô, passou muito, passô perna pur tudo, passô Sabiaguaba, passô... I foi subindo, Mundaú i tudo, qui quando chegô numa altura lá nu Paracurú, aí veio a filha du rei dos indio. Du capitão. Ele foi, caiu. Ela... cum minha mão. Ele foi, caiu daí uma boa. Então, a bala,... a flecha comeu. Mas ele caído i só era por riba, nun era. I fôro indo, i fôro, i fôro, i fôro indo. I quando coube uma hora, Ela foi i deu com o rapaz. 'R'ambora'! Pegô o rapaz, muito bonito. Di Bahia, tá vendo! Aí, ele foi, chegô lá i disse: 'I fiqui aqui, qui eu vô lá pra casa du papai!' Quando chegô lá: 'olha papai eu achei ali um objeto i assunto pra mim, papai. Papai, dá-lhicensa eu í busca-lo'. 'Dô, minha filha, vá'. Aí, quando chegô com o rapaz, levô o rapaz pra casa. Chegou in Bahia o navio, faltava um rapaz, qui era du rei dum, ..., da fé dum rei. Aí, voltemos prá trás, pra levá u rapaz. Aí iandaram, iandaram, iandaram. Chegaram aqui. Nada chegaram nas moita, chegaram nu Pernambuco, todo pareci ai, campearam, nada. Foro indo, foru indo, foru indo, quando chegaram nu Paracurú, in tão aí, o rapaz tá, pra levá. Aí os indio disse: 'não, deixa aí'. 'Mas, o rei mandô buscá, di Bahia'. 'Diga ele qui ele daqui ssai quando casá com minha filha, inquanto não, não sai não'. Aí fêz uma carta i mandô pru rei, Bahia. Rei rei, rei rainha, veio pessoal todo assisti nu casamento. Aí foi qui levô ele prá lá. Eu só nun tava na hora, mas assisti nu casamento sem nunca tê visto. Dis cuca, dis cuca. Agora, minha tia foi na própria, né. I ascoisa são assim. I ondidondi foi qui começô? Esta dança, deles, foi nessa santa di ouro. Eles adorando ela, num é.

(...) Mandaram um doutô lá nu Rio ... Quem foi chamá u homem fui eu! I levamos ele pra Tapera. Como tinha genti nessa terra da Tapera! A Tapera. I ele: 'Mi leva'. Nós morava nun sei adondi. Meu pai veio, à Taperinha. Então chegô. Fômo dispá, lá dos imo, onde nós morava.

Meu colega Zé me disse que tinha terra na Tapera. Aí fumi fulano de tal e fulano de tal. Ele foi o deus. Ele governava do rio da Tapera pra lá, ele governava do rio da Tapera aqui prêsse lugar. E os homi era uns homi novo. Mi lembro deles, todos dois. Ainda mi levantei pra perguntá a eles: 'é a terra nun era de seu pai?' ... Podi vim quem viê, e diga e pergunti pra qualquê um outro qual foi o primeiro ladrão que veio aqui? Qual foi? Foi o Aquino, vendeu o que nun tinha! Foi o Aquino, digno pra si...ninguém. Vendeu o que nun tinha. Agora, o cunhado dele tinha o padre, tinha o São Gabriel, meia língua de terra. Comprado por uma osta de farinha, e quatro mil réis. (risos atrás)

Né? Corrego Prêto era do seu pai, do Tizé Cabral, e dos outros véio, foi quem fizeram ali, foi quem fizeram aquilo ali foi eles. Ali era do índio, ali nun tinha dono. E cumé que o padre compraram essa terra no Corrego Prêto? Né! Por isso eu digo o primeiro ladrão que veio foi Aquino. Vendeu o que não tinha. Mas ele largô, largou, o homem que comprou ali largou na cara dele. Foi à Bahia, lá ... o grande de lá. Por us papel da terra da Tapera, ele dizia 'que é que ocê que com terra de Tapera?' 'E eu comprei'. Comprô?'. E nun tinha, 'pois podi arretirar-si de lá'. Então, o homi dizia a mim plantá o que eu fiz, arretirei téqui e plantei na sua terra, a terra lá é da santa. Que ela nunca deu, nem retirô ninguém. E saiu dilá danadinho, chegô na Itapipoca, na cidade, deu com Aquino. 'Aquino, seu ladrão, você vendeu o que nun tinha, Aquino!'

(...) E portanto, meu caro amigo, cumé que ele pode tirá isso d'ele. Agora o povo pergunta a ele, cumé que ele. Deus não vendeu terra. Deus deixou pra os filhos dele plantá, e colhê, nun é? E comê e si arremidiá! Né? Hoje índia ao invés de uma légua de terra seu fulano de tal compra dez."

Informante: José Reinaldo, Barro Vermelho, dia 6.02.1988

"Pra trás mesmo mais quando eu mi intendi e peguei a conhecê. Já, Almofala aqui. Já Almofala. O pessoal daqui era tudo, os índio velho, os antigo velho, os antigo véio. Eu alcancei ainda, alcancei uns deles, ainda. Ainda alcancei, tudo véinho, muitos já morreram. Qué dizê, muito não, já morreu foi tudo. Já morreu tudo os índio véio mesmo. Aí eu peguei mi intentei, pego aqui os cachinho mais nóvo, desde os mais véio foi-se acabando. Ficô os mais nóvo: meu pai, meus avôs, 'ndalcançei minha avô, alcancei minha avô pur parte da mamãe, da minha mãe, era uma nêga veia de uns cabelinho tudo enroladinho, uns pézão grande. Aí, eu conheci, ela mi contava muito. 'Meu filho, aqui Almofala, diz qui era dos índio, era dos índio, hoje índio nun têm mais nada, têm índio hoje não existe mais', eu inda alcancei, memo ali pur perto da rua, muito índio véio. Mas se acabaram tudo. Agora, só têm esses mais nóvo, adondi os véio faziam uma casinha, casinha de paia. Eles tavam ali coltado, aqueles tempo ruim, plantava um pézinho di coqueiro, plantavam dois, plantavam três i qui quando caia naqueles tempo ruim, eles vendia pra esses mais arranjado, mais arranjado, vendia e eles aí tomavam conta e, tomando conta, ia aumentando, pra prendê o cavalo. I eles iam se acabando, iam ali si acabando i tudo ...

"(...)Eles, os indios, acharam, isso aqui era mata, uma mata di buranal, pauferral, jurema, toda qualidade de pau. Era uma mata só, aqui. I eles moravam dentro dessa mata. Os índio. Moravam dentro dessa mata. Ali assim. Quando foi um dia, parece qui acharam a santa. Ou foi na beira de uma cacimba. Agora di eu nun sei contá. Ô foi na beira di uma cacimba, ô foi na beira do rio. Agora aí diz qui eles, atiraram ela i butaram mais pracolá. Agora fizeram uma tolda em riba e só podia sê di pau di ramo, di ramo.

Era uma tolda im riba i ali quando ela ali, ficaram com ela ali, ficaram adorando ela. ... A Santa, Ela. Diz qui era toda perfumada di ouro. Toda perfumada di ouro. Aí eles ficaram. Eram muito. Saía um bocado. Iam ganhá a mata, iam caçá di comê. Comida. Iam caçá di comê. Agora, quando aqueles chegavam, fincavam e os que tinham ficado ali com ela, pegavam uma mata. I nisso tava. I foi no tempo qui parece descobriram. Descobriram aí. Aí agora a rainha mandô fazê a igreja. Mandô fazê a igreja pra ela. Diz qui têm duas igreja, três, parece qui é três igreja parecida. Esta daqui da Almofala. A da Bahia. I a outra não sei adondi qual é a outra, foi feita também. I tinha os sino dela, era, qui era três sino qui tinha. I quando tinha o sino grande mesmo da igreja. I quando batia aqui na igreja sis tava na Lagoa du Moreira, a pancada do sino. Aogra, tinha dois sino pequeno...

(...) Foi, essa santa diz que era uma santa galante. Agora, truxeram outra, mais todo mundo quem conheceu ela, não é ela. Diz que não é ela. Qui ela era grande, era, o cordão di ouro dela dava duas volta no pescoço, viu. Os brinco di ouro batia aqui, por cima dos ombro. Era toda perfumada di ouro, essa Santa. Qui era a mesma dona disso aqui, era dona dessa, daqui...

(...) Têm a história da terra da Santa, eu ouví fala qui era. Eu alcancei o travessão, na Lagoa do Moreira. O travessão lá, muita gente ainda sabe e conhece. Dali. O pai dessa minha nora aqui sabe adondi têm as pedra assentada. Eu sabia duma pedra, aqui na Lagoa do Moreira assim adiante, no mato. Si nun arrancaram, ou enterraram, ela ainda existe lá. A pedrona. Vai ter outra nu Bambuzeiro, no Córrego Grande, pur dentro lá na Chapada, outra pedra. Agora aí, tira a direita pra riba, tira direto pra riba. Diz qui quando chega aqui, acho qui é nun jenipapo, qui quando a agulha foi, peitô uma carnaubeira. Tirô a carnaubeira di frente. Esse menino conta, o genro aqui do Batista, pai dessa minha nora, ele conta qui ele sabi adondi era a carnaubeira, i sabe adonditinha a carnaubeira e têm uma ... Eu sabia o nome do pau.

Agora, daí acho que a agulha foi i pegou a carnaubeira bem di frente. Eles furaram a carnaubeira nu meio. Diz que até poco tempo ainda tinha essa carnaubeira. Agora ai, táquis na Lagoa Luís de Barros. Na Lagoa Luís di Barros lá diz qui butaram a pedra bem no meio da Lagoa. A outra pedra. Agora, tira pra praia. É parece qui era, ouvi falá qui era, quatro légua em quadra. Parece qui era. É uma coisa assim. Quatro légua em quadro é uma coisa assim... Foi, aí nesse tempo, qui foi descoberto. A Rainha foi quem tirou essa terra da santa ... Homi, eu sei porque a terra da santa é da santa mais hoje todo mundo é dono. ... Era dos índio. A rainha deu pros índios. Foi agora qui eu, dondi foi. A rainha, eu mi lembro que veio falá, qui têve falá, qui têve, eu nun sei si era a mulhé di Dão Pedro I. Com certeza, só podi até sido, D.Pedro I. Eu nun sei si era di D.Pedro I ò si era di Dão Pedro II. Eu nun sei di qual do era o dito. Era dum! Ela foi quem mandô tirá essa terra i mandô fazê a igreja i coi sô tudo aqui pra santa, da santa. Logo quando foi descoberto, pegaram aí, pegaram os índio, i pegaram a dente di cachorro, pegaram outros à perna di cavalo. Morreu indio, fizeram, aconteceram. Agora, têve. Eu tinha um tio qui si chamava João Reinaldo. Ele era dêsse tamanho. Esse eu alcancei. Ainda bebi mocosorô lá na casa dele, ele morava lá na Passagem Rosa...

(...) Aqui no Barro Vermelho não morava ninguém, era pouca gente. Não tinha gente. Hoje é qui tá...uma ruada por aí tudo Agora pã cá pra baixo, vō dizê o lugá. Lá daqui tinha Almofala. Almofala, Areia Vermelha. Almofala é aqui. Pra cá, passô di Almofala, Areia Vermelha, Sargento. Passô di Sargento, Brejo. Passô do Brejo, a Lagoa do Moreira. A Lagoa do Moreira já é da pertença dilá. A - travessando tudo. Eu sabia donde passava o travessão. Nun sei. Hoje não têm mais qui acabô. Mais eu sabia adondi era a pedra, a pedra du travessão...

(...) Hoje, já tudo esse pessoal quasi tudo si acabaram, só têm os mais novos, os caçulo, os filho, neto, bisneto, tataraneto. Os que têm. Muitos não sabe nem contá história. Eu conto por que minha avô contava e eu via muito ela conversá. I minha mãe, meu pai, contava como tinha sido, como nun tinha sido. Eu ainda mi lembro disso tudo. Eu, muito pequeno, mas mi lembro disso tudo".

Informantes: Venância e João Venâncio, praia de Almofala, 7.02.1988

Venância - "Pois bem, nós morava tudo dentro da Lagoa Sêca. Mamãe, o meu pad^{ri}nho Zé Miguel, a vêia Calata, a vêia Cota Ferreira. Tudo era dono da Lagoa Sêca, tudo era dono da Lagoa Sêca. E nós nascemos e si criemos tudo dentro da Lagoa Sêca. Agora foi qui acabaram com tudo. Adonia tomô conta di Lagoa Sêca, com quinta di cajueiro, tomô conta ditudo. E foram si disbandando, i foi tempo qui a mamãe morreu.

Carlos Guilherme - Tinha muitas famílias lá?

Venância - Tinha. Foi o tempo qui a mamãe morreu. Morreu a mãe Calata. Morreu a Dinha, Morreu a tia Cota. Morreu o tio Antônio Correia. Morreu o meu padrinho Zé Miguel. Esse ponto tudo era o dono da Lagoa Sêca, esse povo tudo acabou. Morreu a Zé Nazara, que era irmã da mamãe. Morreu a Rita da Lagoa Sêca que era irmã da mamãe. Esse povo tudo si acabaram. Acabaram tudo, só o qui resta mesmo foi os filhos qui deixaram i hoje os filhos tão condizindo familia prá'colá. Si ispalhando pra aqui, si ispalhando pra acolá. I contanto qui acabou-se a Lagoa Sêca. Cabou-se a Lagoa Sêca. Ele, Adonia mesmo tomô conta di tudo, comprô pedacinho dum, pedacinho doutro, pedacinho dum, pedacinho doutro. Contanto qui abarcou tudo i cercô tudo. Cercô tudo i acabô-si tudo i agora aí disbandô-se tudo, foi tempo que esse povo tudo si acabaram. Qui a mamãe morreu. O véio Zé Miguel morreu. A Rita da Lagoa Sêca morreu. Esse povo tudo si acabaram, só deixaram mesmo só os filho. Agora aí os filho foram si ispalhando pra cá, foram si ispalhando pra acolá. I ele foi tomando. Zé Adonia foi tumando conta da Lagôa Sêca, i foi tomando conta di tudo. I contanto qui acabô, acabô tudo i aí si disbandaram tudo. ... Agora qui é qui eu nun sei in qui era foi.

É qui eu nun sei en qui era foi qui ele começô a abarcá. Eu sei qui ele tomô conta di tudo. A mamãe tinha uma quinta di cajueiro, só puro cajueiro doce, só era, caju era tudo doce, si chamavam as quinta doce. Isso lá era uma coisa decente, bonita mesmo. Foi-se acabando tudo. Foi-se tempo que acabaram tudo. I foi tempo qui ele foi tomando conta di tudo. cercô tudo, tudo, tudo.

Carlos Guilherme: Antes nada era cercado?

Venância - Era não. Era tudo aberto. Era tudo no tempo, tudo aberto. Nun era cercado nada. Senão os quintalzinho qui eles faziam. Si plantava um pé di coqueiro, ali naquele pézinho di coqueiro, faziam aquele quintalzinho. ...

João Venâncio - (...)Ele começô comprá porquê os filhos dos véio. Os véio morrendo, né. Aí aqueles filhos puxa aquela coisinha di herança, sabe. Aí si apavoravam i ai um entregava... Aí era o comprador. Aí já ficava naquela poçazinha ali. Aí quando dava fé, outro buscava acolá, quando vendia a herança. Aí qui trocava

Carlos Guilherme - (...)Lá qui era o aldeamento dos índios?

Venância: É

João Venâncio: Éra lá qui era a tribo mesmo deles lá.

Venância: É, era lá qui era a tribo dos índios mesmo, legítimo, di dentro da Lagoa Sêca.

Carlos Guilherme - E a terra da Santa?

Venância: É a terra, diz que é da Santa, começa da Lagoa do Moreira, nun sei pra dondi.

João Venâncio: Até os Pato

Venância: Até os Pato... Tá bom, a terra da Santa foi tirada foi pra ela mesmo. E a igreja qui tava, qui tava toda acabada, agora aí andô um pur aí, uns homi. I aí vieram as condições i ai forma-si'mbora. Quando nós demo fé chegaram. Aí reformaram a igreja di novo. A igreja foi reformada. Agora aqui qui eu num estô lembrada o homi qui veio reformá a igreja, dentro da Almofala. Agora aí, ficô aí. Ai tornô a dizê qui era a terra era da santa da Lagoa do Moreira aos Pato.

Carlos Guilherme - I pro interior quais são as extremas?

Venância: As extremas da terra só quem sabe mesmo foi quem tirô i mo_{ra} lá pra dentro, pra Passagem Rasa tinha uns qui, esses aí sabiam di tudo. Mas esses também já...

Carlos Guilherme - O que aconteceu com a Passagem Rasa, com essa ter_{ra} de lá?

Venância: Foi. Na Passagem Rasa também invadiram lá. Invadiram. Buta_{ram} uns proprietário qui era di lá.

João Venâncio: A Passagem Rasa foi invadida pelo Beja. Beja Carneiro Matô os três homi qui era dono di lá.

Venância: Foi. Matô os três homi qui era dono da Passagem Rasa, ele matô, qui tumaram di conta da terra... Eram índios legítimos di lá.

Carlos Guilherme - Quais eram seus nomes?

Venância: Agora aqui qui eu nun sei como era os nomi deles, eu vô m_{ai} lembrá agora.

João Venâncio: Eram três irmão. Um era o Mané...

Venância: Ah, Mané Bastião, José Bastião, i o Chico Bastião. ... Hoje, quem mora lá é qui eu nun sei. Qui é um dos lugá qui é depois qui houvi isto eu nun cruzei mais meus p_{és}, porque ainda nós ia pur i dos tios qui nós tinha. Morava tudo pra lá i hoje si acabaram tudo. Fran_{cisco} Duarte. Antônio Duarte. João Duarte. Isso tudo era povo da família do papai. I tudo moravam lá. Tudo eram dono di lá. Mais tomaram i já viu. Já matou os três. Um foi o Mané Bastião. Era esses mesmo.

João Venâncio: (...) Têm ums coqueiro por lá. Têm outras parte qui é só cercado, sem nada dentro.

Venância: É só cercado, sem têm nada dentro.

João Venâncio: Tudo cercado, muitos hectare di terra, tudo cercado sem uma planta dentro. Muita gente por fora querendo atrás di um pedaço de terra pra plantá, num têm. Terra tudo ocupada dibaixo di cer_{ca} sem rendimento nenhum. ... Têm muito isso.

A maior parte aqui é. Aqui os filho nativo daqui do lugar não pode chegar acolá num cascudo daquele botá uma casa. Si ele fô sentá uma casa lá, vai aparecê um dono ali pra improibi o cara num butá. Aí vem outro lá da Baixa da Égua, chega, toma di conta di tudo ali. Aí ninguém vai, aí faz o qui que ali. Mais os filhos próprio natural daqui...

Venância: Nem tem licença di fazê essas arrumação. Num tem não!

Carlos Guilherme - Mas e a terra da santa não é a terra dos índios?

Venância: Era. A terra da Santa era dos índios. Foi tempo qui acharam a santa aqui dentro da Almofala. ... Acharam a santa i agora aí ficô. A santa ficô di dona da terra junto com os índio. Agora aqui qui eu nun sei como acharam ela. A minha mãe sabia di tudo, contava tudo. E o papai intê certos tempo pur enquanto ele foi vivo, também contava".

Informante: Agostinho Jacinto, Córrego do Amaro, dia 03.02.88

Agostinho: "...Que noisi aqui, tinha por costume de... Essa área aqui ninguém paga renda ... Conhecia poŕ a 'terra da santa'. Terra desapropriada, terra marítima, terra que tinha sido feita, tinha sido tirada de documento prá Santa, agora tá em Portugal esse documento e ... a igreja d'Almofada feita pur os índio, os índio tremembés e tudo isso. Houve aí um tempo que, eu num conto desse tempo mas os meus pai eles trabalharam muito que o morro veio enterrou todinha e el^ês trabaiavam muito de noite, meu sogro também contava, que ele ia disinterrar com a cuia tirando areia, prá descobrir a igreja. Até que ... eles contavam essas estória. Mas bem, do meu intindimento prá cá, aqui ninguém pagava renda, aqui nos cercado, porque aqui nunca deu prá fazer roçado mermo. Algum cercado, algum quintal, os quintal, algum roçadinho que dava prá fazer prá aqui, ninguém pagava renda. Tinha a fazenda São Gabriel, o vaqueiro lá. Agora o patrão é mais Fortaleza. Justamente era o ... eu conheci o Aquino, aí morava em Fortaleza. Então se de tempos em tempo ele vinha por aqui, a gente dava uma galinha, dava um bacurim, dava um objeto qualqué a ele e ele ia simbora. Agora quando a gente trabaiava prá lá, ele sempre ... Por que o patrão é isso mermo, ele qué e que o morador teja sempre dando um agrado a ele, num é? Aí agora, quando a gente trabaiava lá na área lá do São Gabriel, lá agente pagava aquela mensalidadezinha, num era renda desagerada mas pagava aquelas coisinha, porque aqui nunca deu milho, assim, o grão muito não. E entanto a gente vivia assim nessas condições. E foi indo e foi indo. Quando foi um dia apareceu aí, um tempo apareceu aí uma arrumação que vinham fiscalização prá ver quem tinha morador prá fazê uma pega práqueles morador, cada um morador num ter uma paga, o patrão fazê uma paga práqueles morador no seu terreno, tudo mais.

Aí chamou os morador daqui dessa... e eles foram ... e então-se ele disse prá eles que se alguém aparecesse por aqui fazendo alguma pesquisa de quem era morador, dissesse que num tinha patrão aqui não, como agente sabia mermo que num tinha. Eles... aqui morava em terra apossada, em terra marítima, terra do aldeamento, terra que num tinha patrão, uma 'terra da santa', terra apossada. Pois muito bem, tá bom! Pois é, porque se agente fosse dizer que morava em terra, ele era o patrão, ele ia pagar aí uma quantidade e quando desse fé, precisa ele tirava aí desse povo e ele achava que era importante era agente conversá assim. ...

(...)O dono da São Gabriel. Disse que era dono. Pois bem, entonse ele ficou. Quando foi depois, aí ele disse que ia vender a terra. Ia vender porque... Tá certo, mas ele pode vender o São Gabriel dele, fazenda. Aqui eu acho que num... Isso aqui, era daqui a Tapera, era tudo um colosso só. Antão-se aqui era cajueiro, algodão e coqueiro, mangueira mas era pouco, era coisinha pouca. Agora na Tapera era um sítio de coqueiro, mangueira e... era o sítio. Véio, véio dos antigo. Entãose ele ficou assim. Aí ele foi. Aí quando apareceu, quando deu-se fé diz que chegou a firma aí que tinha comprado o terreno de São Gabriel. Comprou o terreno de São Gabriel, comprou. Aí a gente se alvoroçou: com qui vai ser?..."

Informante: Vicente Viana, cacique Tremembé, Barro Vermelho,
 dia 28.01.1988 e dia 07.02.1988

dia 28.01

"...Pois bem, os meus avôs era, foi criado só dois. Quer dizer que eles se conhecia só eles dois, né. Não se conhecia família. Porque eles tinha família. Mas em 1700. Em 1700, foi a primeira chegada dos portugueses aqui mesmo na Almofala, né. Aí, eles desabaram. Aí eles ficaram, só eles dois, na Cabeça do Boi, né. Tinha muita fruta lá. Eles ficaram se alimentando só com as frutas. Aí, eles começaram a encostar justamente, a idéia deles era aqui mesmo em Almofala justamente era onde, aí a aldeia eles acharam essa santa. Agora fazia, um bocado iam procurá comida e outros ficavam pastoreando qui era modo ninguém carregá a santa. ... Foi encontrada ali mesmo, justamente onde é hoje a igreja. Agora o que eles fizeram foi uma casinha só de Lapa de pau. E cubriram ela, fizeram um tapirizinho sabe. Aí eles ficaram aquele bucado ali e os outros iam procurá fruta. Outros arrancá oistra. Ainda tem um monte de oistra. Eles iam buscá ali onde aquela rua ali. Ali ainda encontramos. Ali era monte só. Ficavam um bocado ali. No tapiriz, pastorando a santa. Os outros iam buscar comida. Agora quando era naquele outro dia. Aí aqueles que tinham ido como bem hoje. Amanhã ficava, né. Desse jeito eles passaram a vida ali, né, ... Eles mesmo encontraram, né. Eles. Eles foram encontrada no mesmo lugar. Apareceu aparecida lá, né. Aí lá memo eles conservaram, né.

Henyo: Os portugueses tinham chegado?

Vicente Viana: Não, os portugueses até nessa época. Aí quando os portugueses vieram em 1700. Eles vieram, tinham uma cruz grande de madeira, num sabe! E aí eles davam o nome até de Vera Cruz, né.

Aí os portugueses pelejaram tudo e pediram a santa pra levar. Aí eles não deram não. Não faziam di conta di dispartar da santa. Porque eles num tinham outra vocação. De como se diz? De reza! Eles eram tudo índio mesmo. Tudo da parte de índio. Não tinham gente de fora. De jeito e qualidade. Era só eles mesmo. Agora, eles tinha aquele local e adorava aquela santa. Ali, era, assim como se diz, aquele galão deles aí. Aí, os portugueses foram embora nessa época, 1700, eles foram embora. Aí ficaram sempre vindo aí. Quando foi depois eles vieram novamente. Aí eles fizeram um pedido pra trazer outra santa, sabe! Aí eles diz que não dava, não dava nessas condições. E pur exemplo, eles dessem outra santa e fizesse uma igreja. Aí eles prometeram e fizeram. E levaram. Mas eles só levam a santa depois que veio o material. Agora ele justamente foi. Essa daí justamente pra lá. Mas de lá prá, foi o mesmo retrato que voltou justamente. Mas essa não voltou não. ... Essa santa que tem aí. Nóis ainda hoje tem aí. A outra foi o retrato. Tiraram o retrato. Mas a outra foi presente mesmo que eles fizeram pra Portugal, né. ... Essa Santa está em Portugal, né. Agora, di lá veio essa e veio o material. E fizeram essa igreja, né. Agora depois qui fizeram a igreja, justamente foi feito em 1700, 1712, né, aí foi que pessoal ficaram justamente, justamente foi nessa época qui aí que eles começaram o torém, né. O torém foi cumeçado justamente pá inauguração da dessa santa qui tem aí. Aí eles se cunversaram. Aquele bucado. Agora nós têm qui, quê nós vamos fazê, né. Qui quê nós vamos fazê pra nós. Apá passar a noite. Disistindo, pá. Aí eles cumeçaram fazê(...) A rapaz, pur exemplo, um ia pescá e ai chegava lá ele prestava atenção o qui era si o que era que aquela peixe ia fazendo, sabe. Ai eles lá tirava a cantiga, tirava aqueles verso, sabe. Aí quando chegava, pur exemplo, ia outro apanhá um caju. Ai eles tiram um verso do caju, nun sabe. Desse jeito o torém foi todo tudo desse tempo di verso sabe. Daquelas cantigas deles, di cada coisa qui eles encontravam, né. Pur exemplo eles encontravam aí eles faziam o verso pá pá cantar né.

Na igreja, né. Aí foi qui eles cumeçaram a cantá o torém qui ele nun tinha. Eles num sabi rezá uma novena, né. Eles nun sabi tirá um terço, né. Ai eles ficavam naquela, aquele torém justamente era toda noite ali na porta da Igreja, né. As aldeias qui tinha eram duas al. Quê dizê, eram muitas aldeias, né. Cada qual tinha aqui justamente. Aqui tinha as aldeia memo deles daqui na Almofala tinha u chefe. Toda vida foi dentro da Almofala, nun sabi. Primeroramente nessa época foi, foi finado Basílio de Barros, né. ... Dos Barros, né. Depois fi cõ para Chico de Barros. Aí mais só, só ia mudado quando morria, nun sabi. Quando morre um. Aqui num têm essa idéia porque, a nas outras aldeia dize qui ai eles vão, se disgostam dum i mudam pra outro né. Aqui na aldeia da gente não tem. Quando entra um, só sai quando morre né. Agora quando morre eles ficam ai, vão ti agradá, caçar outro tal pra bota fora. Aqui também num tem negócio de butar e tir^o não. Butô, tá butado, só quando eles morre. Ai é outro qui vai, né. Justamente ai que eu entrei né. E dois e eu faz três, né. ...

dia 07.02

"...I aqui essa terra aqui foi encontrada memo só a parte indigena. Depois di, na era di 1700 aqui não tinha português di jeito e qualidade. Agora di 1700 prá cá ai foi qui começô a aparecê. Foi, justamente, foi feita essa igreja, em 1712, ai foi qui chegô os portuguese. Mais antes de 1700 quando foi discoberta aqui, ali memo aonde têm a igreja, ali era só mesmo a aldeia dos índios. Era o chefe toda vida, toda vida, desse tempo pra cá foi justamente foi discoberta, qui foi achada, né. Discoberta já era, achada, né. Foi quando eles encontraram, né. Ai foi qui começô. Mas qui nesse tempo não tinha português, não tinha, douto canto só era brasileiro memo só os indio. Hoje porque tá com, na idéia de 200 e tantos anos né. Certo qui muitas coisas, eu e outros... Papai contava tudo direitinho mais agentitava naquela di ~~nu~~ma precisá, né. Ai agenti as veze esquecia di umas parte.

Purque o papai memo contava. Isso aqui era tudo, isso aqui era diserto, isso aqui era mata, né. Esses alto qui têm foi as terras qui o mar jogou di lá pra cá. Ai for o pessoal memo, os indio foram brocando, fazê mais o lugar mais aberto né. Ai foi enchendo dessas dunas qui é justamente esses cascudo. Mais aqui tudo era mata, mata e lagoa, né. Aqui. A Passagem Rasa tinha uma aldeia. Lagoa Sêca tinha outra aldeia. Cabeça do Boi tinha outra aldeia. Mangue Alto, aqui, tinha outra aldeia. Agora aqui chefe só era um. Toda vida não passou mais de um chefe. Toda vida desse tempo pra cá só é um chefe. Agora só termina purque não têm mudança. Quando eles escolhe um, aquele fica até o fim da vida dele, né. Purque memo, ... Ainda outro dia a Dona Maria tava dizendo: 'Seu Vicente você nun tá fazendo'. 'Dona Maria agenti não pôdi. Agenti precisa, nós tudo somo probre. Nós precisamos cada qual procurá seu pão, né?'. Nos tempo qui as terras eram liberta, qui agenti chegava, fazia a planta aondi intindia. Tudo bem! Nesse tempo dava pra tudo mundo, dava pra passá. Mais qui hoji nós não tem essas terra. As terras mió foram apossada, foram cercada. Nós vivi cada qual num bequinho. Hoji memo você viu hoje aquela morada da comadre Venância, né? Cercaram por um lado, cercaram por outro E deixaram ali. Quer dizer qui uma pobre daquela têm possibilidade di arrumá o qui comê? Não podi é consiguí dá barra, com a coisa. I não tem possibilidade, num tem ondi ela planti. Num têm aondi ela trabalha, num siquer nem a cacimba é emprensado com a cozinha. I aliás, ela ainda têm aquela nesguinha, i muitos i muitos i muitos num têm é mais nada di jeito i qualidade. I essa terra nunca foi vendido siquer um palmo dela. Agora qui tá certo, memo o papai naquelas épocas crise ai, pur causa di doença, ai ele vendia. Ai ele vendia uma paiozinha di páia. Só paiocinha memo. Eles quiriam comprá, dizendo qui era pra fazê pesqueira. A pesqueira é depósito di butá peixe salgado, sabe! Si chama pesqueira, é o depósito di butá peixe salgado. Purque naquela época não tinha gelo. Era só sal. I dava muito peixe di tapagem di rio, di pesca di toda qualidade di pesca, dava muito peixe.

Esse povo qui fundaram essas industrias di pesca não foi os indio não. Os indio só pegava aquele tanquinho di comê. Nunca no mundo eles gos - tô di salgado, né. A comida do indio é sossa, né! E ele só gostava, só pegava, só matava aquele tanquinho. Só memo o consumo do dia. Ai o pessoal foram chegando, vendo aquela fartura, pois tinha. Ai foi en - constando os tubarãoão, né. Quando chegava um, aí dizia 'olha fulano lá é bom'. Ai vinha outro, né. Até qui tumaram di conta di tudo. Qui quando nós. o papai i parte di pai i mãe, quer dizer do papai, parte di pai i mãe, quer dizer justamente da parte da mulhé dele e parte do pai dele nunca enxergaram qui aquele pessoal iam fazê aquelas morada i cercavam mais, nos iam tomã tudo qui era da genti. Qui naquele tempo tinha mais índio i tinha mais força i eles podiam fazere. Mais eles não ligaram pensando qui aquilo passavam uns tempo e lhes s'im - bora. Que iam s'imbora nada, chamavam era outros! Esse terreno aqui na era di 40 aqui era tudo disabitado, num tinha morador, num tinha cercado, num tinha coqueiro, num tinha nada, né. Aqui era tudo uns campo, tudo era em campo. Aqui nessa Almofala na era di 40 tinha doze morador, né. Quer dizê doze morador, assim, di genti di fora. Os ou - tros era só mesmo os índios, né. Quê nesse tempo era o tempo deles te re empurrado logo eles fora. I eles não tinham tomado di conta, né. Mais qui quando agenti quiz cuidá, tava, num tinha mais força. Se a - genti ia pro Acaraú, lá, era a parte di branco, ia rico, tal coisa. Era aonde primeiro si dizia: 'rapaz, vocês não vale nada não, vocês. Isso não vale nada não. Isso é uma parte diracional qui não vale na - da. Não sabe di nada. É-s'imbora qui aqui vocês não tem direito de fa larem. Vai s'imbora sinão vocês vão é preso! Ai o qué qui o pobre po - dia fazê? Era í-s'imbora com a boquinha qui era um botão. Ai eles to - maram. A razão qui eles tinha só era, como se diz, era duns pros ou - tros. Um rico com outro, né. I hoji tá na mesma, né. Purque cada vez mais eles tão, criaram sustança, inricaram, tumaram conta das terra , fizeram propriedade. I hoji é qui bem ninguém têm direito mais nada , né. Agora qui agenti vivi pelejando, ainda vivi purque justamente é conhecida, inda têm essas boas coisas dos antigo, purque a igreja foi feita mesmo, dada pro indio, a linguagem deles também nunca tiraram , né.

I outra coisa documento dessa terra ninguém nunca, ninguém. Sabe das baliza mas nessa época não tinha documento, balizaram mas não tinha documento, né. Porque eles fizeram os travessão i tiraram tudo. Mais qui naquelas época o pessoal não tinha essa, como se diz, essa grande exigência. Agenti compra um terreno cê preciso fazê um documento di papel, né. Era tirá dai. Cada qual ficava mandando, porque aqui não mandava em ninguém, aqui mandava, por exemplo, o chefe daqui. Nesse tempo era o finado Basílio di Barros. Agora qui eles eram dêse jeito si trabalhava todo mundo junto. Si procurava o qui comê, era todo mundo junto. ..."